

## Jardim das Delícias 01 JUN 1998

A entrevista que o presidente Fernando Henrique Cardoso concedeu, há dias, nos gramados do Palácio do Planalto não se limitou ao lado sério dos problemas que afligem o governo. Embora procurasse conter-se, FHC atirou farpas contra a oposição, a imprensa e mesmo em seus correligionários. Falando sério ou brincando com palavras e idéias, o presidente produziu, no entanto, muita matéria-prima para as oposições usarem na campanha às eleições de outubro.

Exemplos? A reclamação de que a imprensa agora interpreta até suas intenções. “Minhas intenções”, afirmou, “nem eu sei quais são.” Ficou no ar a idéia assustadora de que muitas medidas por ele adotadas são tiros a esmo, sem objetivo definido. Como se o governo — ao contrário do que FHC disse na mesma entrevista — estivesse perdido e sem rumo.

Nada contra os que se perdem. Mister Magoo vive às cegas e escapa a todos os perigos. De Cristóvão Colombo se disse que saiu de Palos para as Índias, seguiu não sabia por onde e chegou sem saber aonde. Mas descobriu a América.

No caso das secas do Nordeste, FHC falou em “massa de manobra para fazer de conta que está havendo uma demanda legítima, quando não há”. Depois, corrigiu a derrapagem, mas se complicou ao explicar as informações desconstruídas sobre o fenômeno El Niño. Em outubro de 1997, advertiram-no para as possibilidades catastróficas desse fenômeno sobre o Nordeste. Já em dezembro as previsões foram outras, com poucas probabilidades de catástrofe. Tudo bem. Mas o que fizera o governo durante os dois meses em que se esperava o pior?

FHC condenou os governadores — quase todos seus correligionários — que venderam as empresas do estado e aplicaram os recursos assim obtidos em pagamentos a empreiteiros ou servidores. Estão vendendo o patrimônio estatal, frisou, e, assim, criam déficits públicos, pois não quitam seus débitos.

Como no episódio em que chamou de vagabundos os aposentados com menos de cinquenta anos, a crítica presidencial, nesse caso, recaiu sobre si mesmo. Seu

governo também é acusado de vender estatais estratégicas e de não aplicar nada, ou quase nada, no pagamento das dívidas públicas interna e externa, que, segundo o empresário Antonio Ermírio de Moraes, passam, hoje, de US\$ 400 bilhões.

Apesar da irresponsabilidade atribuída aos governadores, FHC revelou que eles, e os prefeitos, entregarão os alimentos às vítimas das secas, o que significa pôr em suas mãos poderosa arma político-eleitoral, antes do pleito de outubro.

Sobre debates com Lula, na campanha, achou prematuro tratar do assunto, pois ainda não é oficialmente candidato à reeleição e “há problemas na candidatura dele”. Se era cedo para falar em debate, por que afinetar lutas internas do PT? No ensolarado local da entrevista, mas falando à sombra, sobre seus problemas, FHC parecia estar confortável no Jardim das Delícias, aquele inferno ambíguo pintado por Bosch, no qual ele, presidente, punha seus críticos, o MST, amigos, inimigos e até a si próprio.